

Mexeu com Uma offline, Mexeu com Todas online: Uma Análise sobre o Caso José Mayer¹

Liene Mesquita LIMA²
Otávia CÉ³

Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, RS

Resumo

O que antes era repercutido de poucos para muitos, hoje é repercutido, em larga escala, de muitos para muitos. Através do caso de assédio envolvendo o ator José Mayer, busca-se compreender de que forma a cibercultura e, principalmente, os sites de redes sociais auxiliam para um fluxo de informação amplo, promovendo discussões, mobilizações, possibilitando, principalmente, a construção de novos valores. O caso será apresentado e analisado através de autores como Lemos (1997; 2003), Mielniczuck (2001), Beauvoir (1970), Butler (2008), Bourdieu (2000; 2010), entre outros.

Palavras-chave

Cibercultura; Sites de Redes Sociais; Gênero; Poder Simbólico; Violência Simbólica.

Introdução: Cibercultura e as relações de poder com a ascensão da mídia digital

Nos últimos anos, a forma como um indivíduo pode estabelecer relações com os outros seres humanos e com o mundo mudou, principalmente, devido ao fato do avanço nas tecnologias digitais. Atualmente, vivencia-se um contexto de cibercultura, ou seja, a cultura contemporânea marcada pelas tecnologias digitais (LEMOS, 2003). Desde o surgimento da escrita até a popularização da internet, hoje em dia, podemos perceber um contexto de cibercultura, já que ambas, a escrita e a internet, permitem um enunciador e um enunciado agindo como um instrumento de memória (LEMOS, 2003), uma informação que pode ser transmitida para além do espaço e do tempo. Mas é claro que este fenômeno é intensificado com os computadores pessoais e a proliferação da internet, onde qualquer indivíduo pode, nos dias de hoje, emitir e receber informações em tempo real dos mais diferentes lugares.

A emissão de uma informação pelos canais da mídia de massa, pelos chamados *mass media*, permite aos receptores, em geral, um poder limitado. Isto é, a transmissão de um programa de rádio, por exemplo, é definida através de uma mensagem dada por

¹ Trabalho apresentado no IJ 5 – Comunicação Multimídia do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 15 a 17 de junho de 2017.

² Estudante do 7º Semestre do Curso Bacharelado em Comunicação Social com Habilitação em Publicidade e Propaganda da Universidade Católica de Pelotas, e-mail: lienemlima@gmail.com.

³ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social da Universidade Católica de Pelotas, UCPel, e-mail: otavia.ce@gmail.com.

um único emissor com diversos receptores no mesmo instante e que, na maior parte das vezes, os receptores não poderão interagir diretamente e simultaneamente com as informações que são dadas pelo emissor. Por mais que existam alguns programas de rádio que permitem ligações telefônicas a fim de propiciar interação com o público, nem todos os receptores que desejarem participar serão atendidos, o que reforça o poder limitado para com o receptor.

Este cenário que limita o poder do receptor mudou com a mídia digital. André Lemos (2003) sistematiza três leis da cibercultura: a primeira é a lei da reconfiguração, a segunda é a lei da liberação do pólo da emissão e, por fim, a terceira é a lei da conectividade. Para o desenvolvimento dessa pesquisa é de extrema importância a compreensão acerca da segunda lei, visto que, a mesma possibilita o entendimento com relação a forma como a mídia digital oportuniza uma ampliação de poder para os receptores.

Diferentemente do que foi anteriormente exemplificado com o programa de rádio, o excesso de informação presente nos sites de rede social (BOYD; ELLISON, 2007), por exemplo, pode ser compreendido através da liberação do pólo da emissão (LEMO, 2003). Conforme Lemos (2003): “As diversas manifestações socioculturais contemporâneas mostram que o que está em jogo com o excesso de informação nada mais é do que a emergência de vozes e discursos anteriormente reprimidos pela edição da informação pelos *mass media*” (p. 9).

A mídia digital possibilita a emissão de diversas mensagens ao mesmo tempo, bem como a recepção de diversas pessoas simultaneamente e, mais do que isso, a possibilidade de interação mútua e imediata. O poder se torna, em alguns casos, maior para o receptor.

Além disso, a internet enquanto mídia digital, bem como o webjornalismo, possui características específicas. É interessante elucidar, para este trabalho, os conceitos de multimídia, interatividade, hipertextualidade e memória.

A multimídia, de acordo com Mielniczuk (2001), diz respeito aos diversos tipos de mídia que a internet comporta e possibilita a publicação, até mesmo, simultaneamente, como por exemplo, um vídeo acompanhado de um texto descritivo e uma foto. Enquanto interatividade (MIELNICZUK, 2001) é compreendida através da possibilidade de interação, o leitor assume a função multiterativa quanto está diante de um computador conectado à internet, visto que, está interagindo com a máquina, com a

sua própria publicação e a publicação de outras pessoas (LEMOS, 1997; MIELNICZUK, 2001). Já, a hipertextualidade (MIELNICZUK, 2001), diz respeito à conexão de diversos conteúdos através de “linkagem”. Por fim, a característica de memória (MIELNICZUK, 2001) é percebida através da facilidade de acessar materiais antigos na internet.

A cibercultura auxilia na compreensão das mudanças do sujeito para com as suas relações e com o mundo como um todo e, de alguma forma, essas mudanças adquirem ainda mais importância com o surgimento dos sites de redes sociais.

Mas afinal, o que são os sites de redes sociais?

Os sites de redes sociais, conforme Boyd e Ellison (2007) possuem o caráter de suporte tecnológico, ou seja, oferecem mecanismos tecnológicos com o intuito de auxiliar a formação de redes sociais propriamente ditas. Há uma diferenciação, portanto, entre o conceito de rede social e o conceito de site de rede social.

As redes sociais constituem-se através de atores ou nós que, ao interagir socialmente e formar laços sociais, originam conexões: "uma rede social é definida como um conjunto de dois elementos: atores (pessoas, instituições ou grupos; os nós da rede) e suas conexões (interações ou laços sociais)" (RECUERO, 2009, p. 23). Portanto, são os atores sociais que constituem conexões e, por conseguinte, redes sociais.

Os sites de redes sociais (BOYD; ELLISON, 2007) possibilitam a formação de redes sociais apenas se houver a apropriação por parte dos usuários em relação aos mecanismos dispostos pelo próprio suporte tecnológico, como por exemplo, o usuário deve criar uma conta/perfil, interagir com o seu próprio conteúdo e o conteúdo dos seus “amigos”.

Com a crescente utilização dos sites de redes sociais é possível compreender o suporte tecnológico enquanto um facilitador para a vida pública, dando origem a um novo tipo de público, o público em rede (BOYD; ELLISON, 2007). Existem algumas características do digital que funcionam como ações facilitadoras para a vida pública e, além disso, demonstram a complexidade que existe em todo o conteúdo que é publicado no ambiente online, visto que, qualquer publicação possui as seguintes características: a) persistência, diz respeito à durabilidade dos conteúdos que são publicados online; b) replicabilidade, o conteúdo pode ser replicável, até mesmo de forma idêntica ao conteúdo original; c) escalabilidade, constrói visibilidade por meio da difusão de

conteúdo que pode ser escalada; d) buscabilidade, ou seja, diz respeito à possibilidade de se encontrar conteúdo através de pesquisas (BOYD; ELLISON, 2007).

O fato de que toda a publicação veiculada através do site de rede social possui, obrigatoriamente, ambas as características citadas anteriormente, influencia diretamente para ações em rede, mobilizações e, principalmente, para dar voz às pessoas, ou melhor, potencializar diferentes vozes, opiniões e manifestações.

E onde o gênero se enquadra n(ess)a história?

O direito ao sufrágio feminino, à participação nas instituições escolares e no mercado de trabalho já era um território conquistado pelas mulheres entre a década de 30 e a década de 40 do século passado. Não por acaso, mas sim através das reivindicações e mobilizações oriundas do feminismo, movimento social que busca a igualdade e equidade de gênero e alinha-se a todos os movimentos que lutam contra opressões (ALVES; PITANGUY, 1991).

Não por acaso também que as mulheres conquistaram o seu espaço no mercado de trabalho, algo que parecia tão distante para a época e para a incansável luta feminista, o nazismo e a eclosão de uma nova guerra fez com que os homens precisassem estar nas frentes de batalha, e assim, as mulheres começaram a ser entendidas enquanto mão de obra.

Ao final da guerra, as mulheres voltam a ser designadas para as atividades do lar, enquanto os homens voltam a ser eleitos para ocupar o mercado de trabalho. Com isso, a autora Simone de Beauvoir (1970) questionou a atribuição às mulheres de certos valores e comportamentos sociais de forma biologicamente determinada, "denunciando as raízes culturais da desigualdade sexual" (ALVES; PITANGUY, 1991, p. 50). A autora enfatizou a desigualdade entre o que é ser homem em sociedade e o que é ser mulher:

A relação dos dois sexos não é a das duas eletricidades, de dois polos. O homem representa a um tempo o positivo e o neutro, a ponto de dizermos "os homens" para designar os seres humanos, tendo-se assimilado ao sentido singular do vocábulo vir o sentido geral da palavra homo. A mulher aparece como o negativo, de modo que toda determinação lhe é imputada como limitação, sem reciprocidade (BEAUVOIR, 1970, p. 9).

O questionamento que Beauvoir (1970) traz à reflexão vai além do que é ser mulher. Considera-se, na verdade, o sentido, o valor e o comportamento cobrado para uma mulher em sociedade e, se estas cobranças se dão, simplesmente, pelo fato de possuir, ou não possuir, um útero. Segundo Beauvoir (1970), gênero é uma construção cultural. O sexo e o gênero são categorias distintas, ou seja, determinado gênero não é decorrente de determinado sexo. A mulher não expressa necessariamente o gênero feminino, enquanto o homem não expressa, necessariamente, o gênero masculino.

Além de Beauvoir (1970), trazemos para discussão neste trabalho conceitos abordados na obra de Judith Butler (2008). A obra surge quatro décadas depois e indaga o sistema de construção de gênero e de identidades: o gênero não pode ser definido somente através de uma construção cultural do sexo, diferentemente do que Beauvoir (1970) acredita, mas sim, Butler (2008) sugere uma "ordem compulsória" que tende à reprodução, ou seja, há uma exigência para que exista coerência entre sexo, gênero e o desejo ou a prática heterossexual.

A legitimação dessa ordem ocorre através da questão da performatividade (BUTLER, 2008), é apenas através da performance, ou seja, através da repetição de gestos, símbolos e atos que produzimos significados e podemos designar, socialmente, o que é feminino e o que é masculino.

Além disso, o discurso universal e a identidade que é definida para o termo "mulher" acabam por se fazer excludentes na visão de Butler (2008), já que, tratar a todas as mulheres de forma unilateral seria negar a diversidade e a divisão do poder em sociedade que é dado através de diferentes pontos, como o recorte de classe, etnia, raça, orientação sexual, etc. De forma bem resumida, a opressão atinge as mulheres de diferentes formas, com diferentes pesos.

As duas autoras (BEAUVOIR, 1970; BUTLER, 2008) divergem sobre o conceito de gênero, porém, ambas criticam e questionam a forma como as mulheres são retratadas na sociedade e, assim, auxiliam na compreensão e construção de sentido para alguns termos que são utilizados atualmente, principalmente pelo feminismo presente nos sites de redes sociais - termos como sororidade⁴ e empoderamento⁵ feminino.

⁴ Criada a partir da palavra fraternidade - laço de parentesco entre irmãos; irmandade - oriunda do latim frater, que significa "irmãos" -, sororidade também é oriunda do latim sóror, que significa "irmãs".

⁵ Empoderamento deriva do inglês empowerment. Segundo Wallerstein (1992), o conceito de empowerment define um processo que tem como finalidade a união e participação das pessoas, aumentando a qualidade de vida não só do indivíduo, mas também da sua comunidade. Disponível em: < <http://ajhpcontents.org/doi/abs/10.4278/0890-1171-6.3.197>>.

Uma contextualização acerca dos conceitos de Poder Simbólico, Violência Simbólica e Dominação Masculina de Pierre Bourdieu

Para o decorrer dessa discussão, será imprescindível uma breve contextualização acerca do conceito de violência simbólica, principalmente, quando essa é motivada através do conceito de dominação masculina, ambos que aqui serão compreendidos através do autor Pierre Bourdieu (2000). Em meio às relações de poder, a existência dos atores dominantes e dominados que estruturam essas relações não permanece apenas por meio de coação física ou econômica, mas também, por algo que o autor entende como um poder invisível.

Este poder invisível é conceituado pelo próprio autor como poder simbólico, e a violência simbólica, por sua vez, ocorre através da existência do mesmo. O poder simbólico é, conforme Bourdieu (2000): “Poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem” (p. 7-8).

As relações de comunicação entre os seres humanos não deixam de ser relações de poder e, as mesmas ocorrem, por muitas vezes, motivadas através de poder material ou simbólico que possa vir a ser acumulado para o próprio ser. Além disso, existem instrumentos de comunicação e de conhecimento, segundo o autor, que funcionam para a manutenção do poder simbólico em sociedade, assegurando, por exemplo, a dominação do gênero masculino sobre o gênero feminino, gerando, assim, violência simbólica. O ser social está fadado a reconhecer concepções invisíveis - e as mesmas estimulam à dominação - oriundas da crença na legitimidade das palavras, mas essa crença não é reconhecida através do potencial da palavra em si, e sim, é gerada através do próprio poder simbólico.

Através disso, a dominação masculina cria possibilidades para o seu pleno exercício, como a divisão do trabalho, bem como a expectativa que é compreendida para a oposição dos lugares onde cada gênero deveria ocupar: a assembleia ou o mercado fica reservado aos homens, enquanto para a mulher, o seu lugar é a casa. O que acaba por ocorrer é que os dominados vivenciam e criam valores a partir destes conceitos que comprovam a dominação masculina e, portanto, a violência simbólica imposta pelos atores dominantes. Cabe ressaltar novamente que, pelo poder simbólico se tratar de uma força invisível, não utilizando de coação física ou econômica, ou seja,

não sendo “palpável”, objetivo e sim, subjetivo, as chances de reconhecer como natural o que é transmitido através dessa força é ainda maior.

Agora É Que São Elas?

Em um artigo publicado no blog intitulado Agora É Que São Elas⁶ do jornal Folha de S. Paulo⁷, o ator José Mayer⁸ foi acusado de assédio sexual por Susllem Meneguzzi Tonani⁹, figurinista da Rede Globo¹⁰. Mais do que um artigo, a publicação é um relato da própria vítima sobre os assédios que sofreu durante as gravações da novela “A Lei do Amor”¹¹.

Com o relato, a figurinista expõe, principalmente, a forma como o assédio moral evoluiu com o tempo. Em um período compreendido em oito meses, os elogios do ator José Mayer declinaram para abordagens grosseiras e insistentes. Segundo Tonani¹², o assédio começou com “elogios”, como “você é bonita” e “como você se veste bem”, porém, com o decorrer do tempo, os “elogios” passaram a ser mais específicos, colocando o corpo de Susllem enquanto um atrativo sexual para o ator.

Destaca-se ainda uma situação relatada que, de fato, compreende o assédio sofrido enquanto assédio sexual, além de assédio moral e verbal. Segundo Tonani: “Em fevereiro de 2017, dentro do camarim da empresa, na presença de outras duas mulheres, esse ator, branco, rico, de 67 anos, que fez fama como ganhão, colocou a mão esquerda na minha genitália.”. Porém, essa não foi a situação que pôs fim à série de assédios cometidos durante esses oito meses relatados por Susllem, a figurinista ainda sofreu uma ameaça do ator:

Até que nos vimos, ele e eu, num set de filmagem com 30 pessoas. Ele no centro, sob os refletores, no cenário, câmeras apontadas para si, prestes a dizer seu texto de protagonista. Neste momento, sem medo, ameaçou me tocar novamente se eu continuasse a não falar com ele. E eu não silencieiei. [...] “VACA”, ele gritou. Para quem quisesse ouvir. Não teve medo. E por que teria, mesmo?

⁶ Blog que aborda temas como política, cotidiano e cultura narrados do ponto de vista feminino e feminista. Disponível em: <<http://agoraquesaoelas.blogfolha.uol.com.br/>>.

⁷ Folha de S. Paulo é o segundo maior jornal de circulação no Brasil, editado na cidade de São Paulo. Disponível em: <<http://www.folha.uol.com.br/>>.

⁸ José Mayer Drumond é um ator brasileiro.

⁹ Figurinista da Rede Globo.

¹⁰ Rede de televisão comercial aberta brasileira.

¹¹ Novela veiculada entre outubro de 2016 e março de 2017 pela Rede Globo.

¹² Trechos retirados do artigo publicado originalmente no blog Agora É Que São Elas. Disponível em: <<http://agoraquesaoelas.blogfolha.uol.com.br/2017/03/31/jose-mayer-me-assediou/>>.

Como fora dito acima, este último acontecimento relatado motivou maiores providências por parte da vítima, a mesma procurou tomar as medidas administrativas cabíveis, procurando, por exemplo, o Setor de Recursos Humanos da empresa. A Rede Globo, conforme o relato da vítima, reconheceu a gravidade do acontecimento e prometeu tomar as medidas necessárias para o caso. Restou para a figurinista, no entanto, os seguintes questionamentos “Quais serão as medidas? Que lei fará justiça e irá reger a punição? Que me protegerá e como?”.

E a internet, é ou não é terra de ninguém?

A televisão e o rádio ainda possuem papel fundamental para a comunicação. A televisão, por exemplo, ocupa primeiro lugar enquanto meio de informação preferido dos brasileiros. E isso é fato¹³. O que de fato mudou é a questão do comunicar, a emissão e, principalmente, a recepção da mensagem em um mundo que hoje é conectado e produz e reproduz conteúdo em larga escala.

A repercussão do artigo “José Mayer me assediou” não se restringiu na emissão da mensagem através da coluna Agora É Que São Elas, pelo contrário, a publicação do artigo implicou em replicações e interações mútuas e imediatas que compreendiam, principalmente, a emergência de vozes, fenômeno antes reprimido pela mídia de massa (LEMOS, 2003). A plataforma dos sites de redes sociais (BOYD; ELLISON, 2007) possibilita a ampliação do poder para toda e qualquer pessoa, através das suas conexões. Recuero (2009) comenta:

No espaço offline, uma notícia ou informação só se propaga na rede através das conversas entre as pessoas. Nas redes sociais online, essas informações são muito mais amplificadas, reverberadas, discutidas e repassadas. Assim, dizemos que essas redes proporcionaram mais voz às pessoas, mais construção de valores e maior potencial de espalhar informações. São, assim, essas teias de conexões que espalham informações, dão voz às pessoas, constroem valores diferentes e dão acesso a esse tipo de valor (p. 25).

Buscando atingir o objetivo do trabalho, optou-se pelo uso de uma série de três postagens veiculadas através do site de rede social (BOYD; ELLISON, 2007) Facebook¹⁴, falando sobre o caso de assédio envolvendo o ator José Mayer.

¹³ Pesquisa demonstra que a televisão é a preferência de 63% dos brasileiros que buscam informação. Disponível em: < <https://goo.gl/XYNY1M>>.

¹⁴ <https://www.facebook.com/>

a) Primeira postagem

A primeira postagem analisada foi feita na fanpage¹⁵ da Exame¹⁶ no dia 31 de março de 2017, ou seja, na mesma data em que o relato foi publicado pela coluna Agora É Que São Elas na Folha de S. Paulo. O conteúdo noticia o fato através do uso de um hiperlink que direciona o receptor para a matéria completa no portal da revista Exame, o que reforça a característica de hipertextualidade (MIELNICZUK, 2001). A postagem conta com 1200 reações, 146 compartilhamentos e 234 comentários¹⁷.



Figura 1 - Publicação com hiperlink anunciando a acusação de assédio sexual para o autor José Mayer.
Fonte: Fanpage da Exame.

Nessa postagem, optou-se por utilizar uma amostra de 350 comentários, cabe ressaltar que toda a análise foi feita com base nos aspectos de conversação.

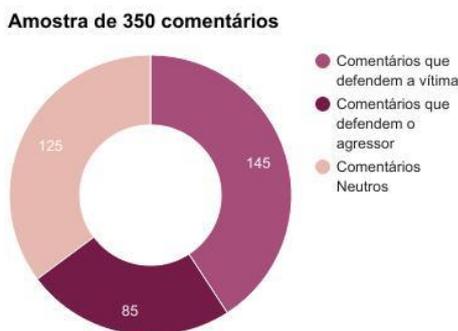


Gráfico 1 - Resultados obtidos para análise da amostra da primeira postagem.

¹⁵ Uma fanpage é uma página que constrói seu próprio fluxo de conteúdo. Pode ser criada por qualquer usuário cadastrado no Facebook. Além do criador, outros usuários podem acompanhar e interagir com a página.

¹⁶ <http://exame.abril.com.br/>

¹⁷ Dados coletados em Abril de 2017.

Dentre os comentários analisados, alguns aspectos importantes são percebidos através dos 125 comentários que foram classificados enquanto “neutros”. Ou seja, que não expressam, necessariamente, uma posição favorável ou contrária ao agressor e/ou vítima que participam da acusação de assédio em questão. São, muitas vezes, comentários com citação de amigos, comentários com vários elementos e comentários que questionam o fato desse tipo de conteúdo fazer parte da linha editorial da revista Exame.

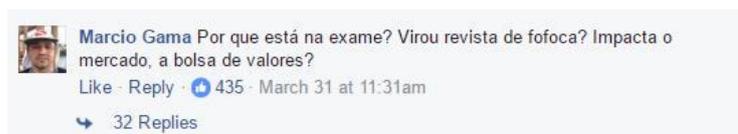


Figura 2 - Interação para a primeira postagem (Figura 1). Fonte: Fanpage da Exame.

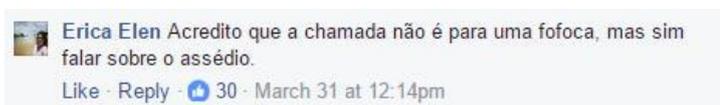


Figura 3 - Interação para a primeira postagem (Figura 1). Fonte: Fanpage da Exame.

O questionamento é recorrente em diversos comentários, isto porque a revista Exame tem a sua linha editorial especializada em negócios, economia, tecnologia e carreira. Torna-se perceptível através dessa amostra, portanto, o conceito de liberação do pólo da emissão (LEMOS, 2003), ou seja, esse recorte da amostra expressa a ampliação do poder para os receptores. Assim como as respostas que foram geradas para o próprio comentário, demonstrando, mais uma vez, o conceito além da característica de interatividade (MIELNICZUK, 2001).

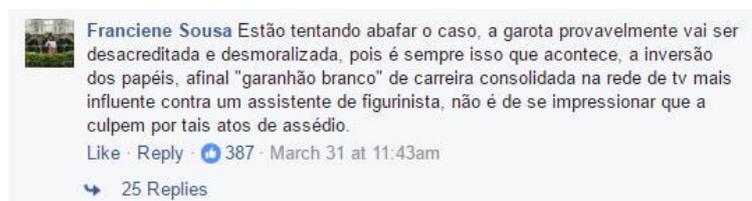


Figura 4 - Interação para a primeira postagem (Figura 1). Fonte: Fanpage da Exame.

O poder simbólico (BOURDIEU, 2000) motivado através da dominação masculina é facilmente percebido através da noção de culpa que é, por muitas vezes, citada tanto nos comentários que defendem a vítima, quanto nos comentários que defendem o agressor. Através do comentário ilustrado acima (Figura 4), por exemplo, podemos perceber as noções desiguais de representações sociais expressas por Beauvoir (1970), a descrição de “garanhão branco de carreira consolidada” representa o positivo,

enquanto, “assistente de figurinista” representa o negativo, representações essas que são reconhecidas através do poder simbólico (BOURDIEU, 2000).

b) Segunda Postagem

A segunda postagem analisada foi feita na fanpage MdeMulher¹⁸ no dia 4 de abril de 2017. O conteúdo, assim como a primeira postagem, utiliza de um hiperlink para anunciar uma carta aberta que foi divulgada pelo ator José Mayer após a acusação. Na carta, o ator admite o que fez e reconhece o ocorrido enquanto um erro cometido.

A publicação conta com 2.600 reações, 260 comentários e 365 comentários¹⁹.



Figura 5 - Publicação com hiperlink anunciando a carta aberta do ator. Fonte: Fanpage MdeMulher.

Aqui, a amostra para análise ficou compreendida com 100 comentários.

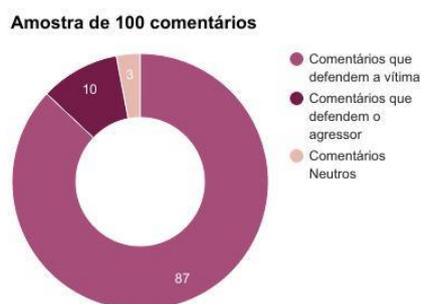


Gráfico 2 - Resultados obtidos para análise da amostra da segunda postagem.

¹⁸ <http://mdemulher.abril.com.br/>

¹⁹ Dados coletados em Abril de 2017.

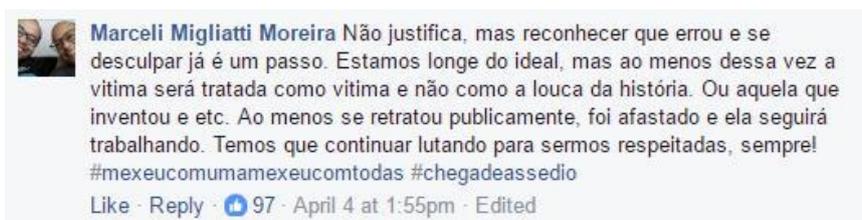


Figura 6 - Interação para a segunda postagem (Figura 5). Fonte: Fanpage MdeMulher.

Com a análise da amostra foi possível observar, novamente, a questão da culpa atribuída ao gênero feminino, principalmente, por conta dos conceitos atribuídos aqui conforme Bourdieu (2000), como poder simbólico, violência simbólica e dominação masculina. Porém, desta vez, esta questão é vista, na maior parte das vezes, entre os comentários que legitimam o discurso da vítima e não defendem o agressor. Isso se deve, principalmente, a característica de persistência (BOYD; ELLISON, 2007) e memória (PALACIOS, 1999; MIELNICZUK, 2001).

A característica de persistência das publicações que divulgaram o artigo da acusação de assédio, como por exemplo, a primeira postagem analisada neste trabalho, contribuiu diretamente para informar os usuários dos sites de redes sociais, ou seja, os receptores da mensagem. Assim, foram despertados diversos tipos de opiniões, divergentes e complacentes, conforme vimos anteriormente. Já, com a divulgação de uma carta onde o próprio agressor assume os atos que foram anteriormente acusados pela, até então, “suposta” vítima, a característica de memória da mídia digital permite que os mesmos usuários possam refletir com maiores informações acerca do caso.

Além disso, surgem diversas vezes na amostra analisada termos facilmente buscáveis e escaláveis, demonstrando, mais uma vez, as características do público em rede (BOYD; ELLISON, 2007). É possível perceber, conforme a Figura 6, o uso da hashtag²⁰ #mexeucomumamexeucomtodas e #chegadeassedio.

c) Terceira Postagem

A terceira postagem analisada foi feita na fanpage PapelPop²¹ no dia 4 de abril de 2017. Assim como a primeira e a segunda postagem, o conteúdo utiliza de um hiperlink para divulgar a campanha intitulada “Mexeu com uma, mexeu com todas”

²⁰ São palavras antecedidas pela cerquilha (#) que funcionam como palavras-chaves, ou seja, definem o tema do conteúdo que está sendo abordado naquele momento.

²¹ <http://www.papelpop.com/>

realizada, principalmente, por atrizes que compõem o quadro de colaboradores da emissora Globo. A intenção da campanha é prestar apoio para a figurinista, a vítima do assédio.

A publicação conta com 13.000 reações, 129 comentários e 452 compartilhamentos²².



Figura 7 - Publicação com hiperlink anunciando a campanha Mexeu com uma, Mexeu com Todas. Fonte: Fanpage PapelPop.

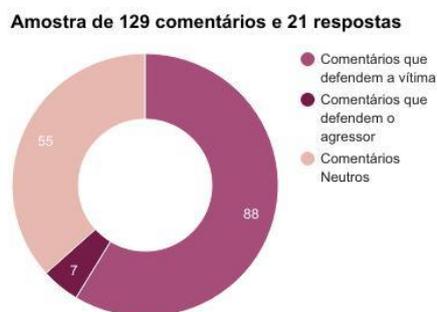


Gráfico 3 - Resultados obtidos para análise da amostra da terceira postagem.

Aqui, a amostra para análise ficou compreendida com 129 comentários e 21 respostas para os comentários.

²² Dados coletados em Abril de 2017.

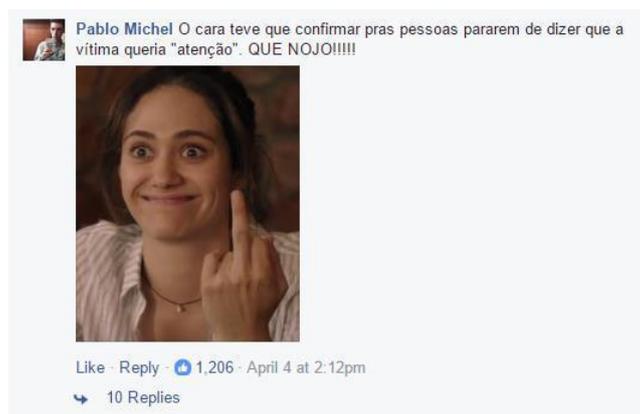


Figura 8 - Interação para a terceira postagem (Figura 7). Fonte: Fanpage PapelPop.

A questão da culpa é mais uma vez destacada por meio das amostras encontradas. Conforme podemos perceber com a Figura 8, o usuário demonstra indignação por conta das interações contrárias à vítima, motivadas, principalmente, pelo poder simbólico (BOURDIEU, 2000) que até então tinha sido amplamente replicado.

Além disso, o usuário expressa a sua indignação utilizando, além do texto, uma imagem, o que reforça a característica de multimídia (MIELNICZUCK, 2001) que já foi anteriormente destacada neste artigo.

Considerações Finais

Através das investigações realizadas neste trabalho, foi possível perceber a concepção do gênero feminino em meio às relações sociais por meio da legitimação de conceitos como violência simbólica e dominação masculina. A problemática aqui é que a mídia detém poder e, conteúdos como esse, podem facilitar ainda mais com que essas imposições ao gênero feminino sejam reforçadas. Porém, na era da cibercultura, a audiência têm voz e poder, principalmente com o uso dos sites de redes sociais, há a possibilidade, portanto, de debates e interações que são interessantes para as relações sociais como um todo. Destaca-se ainda, que os resultados obtidos nesta pesquisa não são conclusivos.

Referências Bibliográficas

ALVES; PITANGUY, Branca; Jacqueline. **O que é feminismo?** São Paulo: Editora Abril Cultural Brasiliense, 1991.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. 4 ed. São Paulo: Editora Difusão Européia do Livro, 1970.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 9 ed. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2010.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2000.

BOYD, Danah; ELLISON, Nicole. **Social network sites: Definition, history, and scholarphip**. Journal of Computer-Mediated Communication, v.13, n.1, 2007.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2008.

AGORA É QUE SÃO ELAS, 2017. **José Mayer me assediou**. Disponível em: <<http://agoraquesaoelas.blogfolha.uol.com.br/2017/03/31/jose-mayer-me-assediou/>>. Acesso em: Abril de 2017.

LEMOS, André L.M. “**Anjos interativos e retribalização do mundo**”. **Sobre interatividade e interfaces digitais**, 1997. Disponível em: <<http://www.Facom.ufba.br/pesq/cyber/lemos/interac.html>>. Acesso em: Abril de 2017.

LEMOS, André. **Olhares sobre a Cibercultura**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2003.

MIELNICZUK, Luciana. **Características e implicações do jornalismo na Web**. Trabalho apresentado no II Congresso da SOPCOM, Lisboa, 2001. Disponível em: <http://www.facom.ufba.br/jol/pdf/2001_mielniczuk_caracteristicasimplicacoes.pdf>. Acesso em: Abril de 2017.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Editora Sullina, 2009.